


PENSE!

Mudar a face do mundo

"[...] Nunca se pode dizer qual o poder que há numa palavra ou numa frase, para mudar a face do mundo..."

(Charles Sanders Peirce, CP 8.176).



As palavras têm poder. Ouvi-las possibilita caminhos que ampliam a compreensão de nossas questões. Quando colocamos o foco na história contada, o resultado é um distanciamento do problema e, com ele, surge uma nova compreensão sobre nós, sobre a vida

POR **MONICA AIUB**

Atuo no consultório de filosofia desde o final da década de 1990. Uma atividade que sempre foi e continua sendo, para mim, muito instigante, provocando-me a pesquisar questões para as quais talvez eu não olhasse se não houvesse o encontro com as pessoas que as colocam. De tais encontros derivam muitos outros – com leituras, pesquisas, filósofas e filósofos, profissionais de outras áreas, trabalhos interdisciplinares... – e deles surgem novas questões, que extrapolam os limites do consultório e se transformam em pesquisas que constituem meu percurso filosófico. São palavras trocadas em diálogos que “mudam a face” de quem sou e do mundo que habito.

Enquanto as pessoas trazem suas questões, seus contextos, suas singulares maneiras de viver, eu as acompanho, tentando compreendê-las e pesquisando as questões cotidianas filosoficamente. Neste sentido, a filosofia é um instrumento muito interessante, pois pesquisar filosoficamente implica problematizar. Contudo, não é o caso de problematizar sem antes conhecer a história da questão; e mais, a história de quem vivencia aquela questão, pois é somente a partir dela e das interações com

as várias histórias que a atravessam que será possível compreender o significado daquilo que é posto como um problema.

Em 2004, publiquei o livro *Para entender Filosofia Clínica: o apaixonante exercício do filosofar*. Se você acompanha meu trabalho nesses vários anos, deve saber que denomino minha atividade no consultório de filosofia, hoje, como “Orientação Filosófica”. Os motivos para isso já apontei em outros textos¹. Relembro o livro de 2004 porque, naquele momento, eu compreendia o trabalho no consultório de filosofia como “o apaixonante exercício do filosofar”. Hoje continuo com a mesma compreensão: é isso que faço durante as consultas em filosofia.

Formação para atuação

Defendo que a atuação no consultório de filosofia seja exclusiva a quem possui graduação em filosofia e que o(a) profissional continue seus estudos e pesquisas sempre. Em outras palavras, quem atua no consultório de filosofia precisa ser um(a) pesquisador(a) na área. Além disso, considero importante a formação na pós-graduação *stricto sensu*, que forma, especificamente, pesquisadores(as).

PENSE!

Já fui questionada sobre esse critério que defendo, com a alegação de que há cursos de graduação com péssima formação. Embora alguns cursos de graduação em filosofia possam deixar a desejar em termos de qualidade e, também, os currículos dos cursos sejam muito diferentes entre si, há pontos comuns entre eles e alguns elementos que todos, de alguma maneira, ensinam: ler um texto filosoficamente, pesquisar e problematizar.

Antônio Joaquim Severino, no livro *Como ler um texto de filosofia*, apresenta os primeiros passos para quem deseja iniciar a leitura filosófica. Ele afirma, na apresentação do livro, que “a leitura de textos científicos e filosóficos não é um procedimento espontâneo” (SEVERINO, 2008, p. 7) e, por isso, precisamos de um estudo sistemático para que o texto não seja compreendido, como fazemos com os textos literários, por nossa familiaridade com a linguagem coloquial ou por nossa imaginação.

A meu ver, o estudo sistemático em filosofia garantirá que a leitura feita pelo(a) profissional acerca das questões apresentadas seja diferente da leitura de pessoas que não possuem método, repertório e experiência em ler textos filosoficamente. Ainda assim, qual a relação entre ler textos filosoficamente e ler textos de filosofia e pensar junto com a pessoa sobre suas questões em Orientação Filosófica?

Lendo textos e contextos...

Costumo dizer que o trabalho em Orientação Filosófica compreende ler as questões cotidianas, trazidas pelas pessoas, como lemos os problemas filosóficos; o que significa, já no primeiro momento, investigar as origens da questão no âmbito pessoal: como ela surge, em que contextos é formulada, como se desenvolve, que significados já lhe foram atribuídos, com quais outras questões está relacionada, que hipóteses a pessoa já levantou acerca da questão, como ela articula os vários elementos envolvidos etc.

Mas esse é apenas o primeiro momento. Um momento importante, uma vez que a investiga-

ção inicial acaba por traçar a história do problema que a pessoa enfrenta. Ao olhar para a história do problema, ele poderá ser observado em um nível diferente do que habitualmente a pessoa observa. Diferentes perspectivas, diferentes leituras, diferentes graus de profundidade e, conseqüentemente, diferentes maneiras para enfrentar as situações.

Além da história do problema na vida da pessoa, é preciso conhecer os contextos de vida dela. Quem é ela? Como vive, pensa, age, sente...? Como viveu até aqui? Como, habitualmente, resolve suas questões? Ao narrar seu vivido, a pessoa se apresenta a partir de eventos de sua história, mas também a partir da linguagem que utiliza, do repertório que traz, das formas como se expressa, das relações que estabelece, das articulações de ideias que cria, dos grupos aos quais pertence etc. Novamente, a leitura da apresentação feita pela pessoa ocorre tal como a leitura de um texto de filosofia. É preciso decodificá-la, e as chaves de leitura encontram-se numa rede de signos que somente um repertório comum – que supõe conteúdos e formas – aprendido com a própria pessoa poderá contribuir para decifrar.

Como a história da pessoa é atravessada por várias outras histórias, inclusive a de elementos sociais, políticos, culturais... o espectro da leitura se amplia. Além disso, há outra leitura a ser feita: o surgimento e o desenvolvimento da questão que a pessoa traz na história da humanidade. E aqui, mas não somente aqui, encontra-se a importância do repertório filosófico e da pesquisa, por vezes, interdisciplinar.

O exercício de contar a história

Ao ler um texto filosoficamente, temos diferentes níveis de leitura. Entre uma primeira leitura panorâmica e a problematização há muitos passos. Embora o principal trabalho, no consultório, venha a ser a problematização, que provoca a pessoa a pensar em pontos para

os quais ela não estava atenta, quero destacar, aqui, o movimento que pode ser gerado ao contar sua história de vida.

Você já fez o exercício de contar sua história a alguém que, além de acompanhar atentamente, sem interrupções desnecessárias, tenta compreender a lógica interna que move seus pensamentos? Alguém que não pressupõe, não antecipa, não julga, mas provoca você a pensar?

Se você já fez esse exercício diferentes vezes, deve ter percebido que, dependendo da interlocução, do momento em que está vivendo, do objetivo ao contar, entre outros aspectos, a história contada pode ser completamente diferente. Não se trata de mentir, de falsificar a própria história. Trata-se das mudanças que ocorrem em nós², inclusive durante o próprio processo do contar; trata-se do que é mobilizado, articulado – e até criado – por nossa memória; trata-se, ainda, das diferentes conexões que estabelecemos ao recordar, ao pensar sobre o vivido.

Nesse exercício, novas percepções, hipóteses, descobertas, invenções... podem acontecer. A interlocução é fundamental para que as novidades surgidas possam ser analisadas, investigadas e, caso não possuam fundamentos na realidade ou não sejam realizáveis, possam ser abandonadas. A interlocução também é importante para que a pessoa não se perca nas divagações, para que organize minimamente as ideias a serem apresentadas.

Alguma coisa acontece

Ao contar sua história, a pessoa será, ao mesmo tempo, falante e ouvinte. Ouvir suas próprias palavras possibilitará caminhos para ampliar a compreensão da questão. Ao colocar o foco na história contada, poderá ocorrer um distanciamento do problema e, com ele, uma nova compreensão. Às vezes estamos mergulhados de tal modo nos problemas que não conseguimos compreendê-los. Olhar para o vivido trará a possibilidade de evidenciar características, padrões – nos pensamentos e nos comportamentos –, o que poderá levar a hipóteses ou descobertas significativas, sobre si e/ou sobre

o mundo, para o enfrentamento da questão.

Como nossas histórias são atravessadas por histórias de outras pessoas, por culturas, por forças políticas, por hábitos, entre outros fatores, contá-las poderá destacar, de um lado, as influências que tivemos e temos; e, de outro, o quanto a ideia de um controle absoluto acerca de quem somos e como nos comportamos é, na verdade, uma ilusão.

Mudar a face do mundo

Palavras podem ter consequências práticas. Quando somos nós a falar e, ao mesmo tempo, a ouvir, podem mudar nossa compreensão da situação, da vida, da história e, inclusive, nosso comportamento no mundo. Quando são dirigidas a outras pessoas, podem gerar conhecimento, mas também podem gerar falsas crenças e, muitas vezes, ações guiadas por elas.

Compreender os significados de um texto ou de uma fala exige ultrapassar os limites de nossos processos de significação por familiaridade ou imaginação. É preciso investigar contextos, redes de signos e suas múltiplas variações para que possamos nos aproximar do significado daquilo que foi dito, e que pode estar muito além da própria palavra. Ainda assim, as palavras podem ter consequências práticas. O que temos feito com as muitas palavras que por aí circulam? **hmt**

NOTAS

1 Ver AIUB, 2019; 2019a.

2 Descritas em AIUB, 2022.

REFERÊNCIAS

AIUB, Monica. *Como ler a Filosofia Clínica, ou melhor, a Orientação Filosófica: Prática da autonomia de pensamento*. São Paulo: Paulus, 2019.

AIUB, Monica. *Para entender Filosofia Clínica: O apaixonante exercício do filosofar*. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

AIUB, Monica. Um convite, quase um manifesto. *Revista Filosofia, Ciência & Vida*, São Paulo, ano XIII, n. 153, p. 60-67, ago. 2019a.

AIUB, Monica. Identidade Pessoal. *Revista Humanitas*, São Paulo, n. 156, p. 76-79, set. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Como ler um texto de filosofia*. São Paulo: Paulus, 2008.

© RENATA SILVA



MONICA AIUB é doutora em Filosofia (PUC-SP). Atua como orientadora filosófica no Espaço Monica Aiub. ✉ www.monicaaiub.com.br